

UM MILITAR A SERVIÇO DA COROA PORTUGUESA NO SUL DO MARANHÃO

Alan Kardec Gomes Pachêco Filho*

Resumo - Francisco de Paula Ribeiro foi um militar português que prestou relevantes serviços à Coroa portuguesa, na Capitania do Maranhão, durante 28 anos (1795-1823). A partir dessa função, tornou-se sertanista, historiador, geógrafo, antropólogo e memorialista e logrou ao império português, por meio de elaborados roteiros e descrições pormenorizadas, o domínio do vasto território do Sul do Maranhão, até então desconhecido da Coroa. Este trabalho pretende analisar a obra “Roteiro da viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goiás no ano de 1815”. Escrita por Paula Ribeiro em 1819 e publicado pela Revista do IHGB em 1870, visando a problematizar a questão das fronteiras na, então, Capitania do Maranhão.

Palavras chave: Sul do Maranhão – Fronteiras – Memória.

Abstract - Francisco de Paula Ribeiro was a Portuguese military providing relevant services to the Portuguese Crown in Capitania of Maranhão, for 28 years (1795-1823). From this basis, it became sertanistas, historian, geographer, anthropologist and memoirist, and succeeded to the Portuguese Empire, through scripts and prepared detailed descriptions, the area of the vast territory of southern Maranhão, hitherto unknown to the Crown. This work aims to analyze the book "Tour of the trip that made the master Francisco de Paula Ribeiro's borders Capitania of Maranhão and Goiás in the year 1815." Written by Paula Ribeiro in 1819 and published by the Journal of IHGB in 1870, to discuss the issue of borders in then Capitania of Maranhão.

Keywords: South Maranhão - Borders - Memory.

Francisco de Paula Ribeiro foi um militar português que prestou relevantes serviços à Coroa em terras do Maranhão, em especial nos sertões dos Pastos Bons, localizado no centro sul do Estado. Ele literalmente “descobriu” e “fundou” o sul do Maranhão.

Por duas vezes o acaso foi determinante na vida de Paula Ribeiro. Primeiro, em 1795 quando se encontrava preso num quartel em Lisboa por “*travessuras domésticas*” à espera de um navio que o conduzisse às Índias para cumprir a pena. Como os navios para aquele destino estavam escassos partindo da Capital portuguesa, D. João Carlos de Bragança, membro do Conselho da Guerra e Duque de Lafões, escreveu para o Secretário de Estado da Marinha propondo o nome de Francisco de Paula Ribeiro para ocupar o posto de Alferes na Capitania do Maranhão. “*Deveria servir debaixo das instruções do Coronel Anacleto Franco e das ordens do Capitão General D. Fernando Noronha*”. O Duque de Lafões realça as

* Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão. Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da Dra. Ana Mauad Essus. Bolsista UEMA.

qualidades do jovem: “*é muito vivo, tem grande talento e hábil militar*”, porém não esquece o Duque de assinalar que Paula Ribeiro era filho de um “*Tenente Coronel de regimento de Artilharia da Corte, bem conhecido pelo seu merecimento*”. O Ofício é datado de 28 de fevereiro de 1795. Não é citado o nome do pai de Paula Ribeiro. (AHU, Maranhão, Caixa, 86, doc. nº 07183).

A resposta à solicitação do Duque de Lafões veio em forma de decreto assinado por D. Maria I, pouco mais de um mês depois. (AHU, Caixa 86, doc. nº 7208).

*Achei por bem nomear para Alferes do regimento de Infantaria da Capitania do Maranhão a Francisco de Paula Ribeiro: O Conselho Ultramarino o tenha assim entendido, e faça passar aos despachos necessários.
Palácio da Luz em dezesseis de abril de mil setecentos e noventa e cinco.*

Não se conhecem, até agora, as ações de Francisco de Paula Ribeiro entre os anos de 1795, data de sua chegada ao Maranhão, e de 1798, quando ainda como alferes integrou uma missão que foi ao Pará. Diz o Governador D. Fernando Antonio de Noronha (APEM 1797-1798, Códice 19, Doc.191):

Tenho nomeado entre os oficiais que devem marchar para o Pará o tenente Carlos Antonio ordeno a Vossa Mercê nomeio em seu lugar [...] Francisco de Paula, não só por ele muito me vir requerer; como se faz preciso ao Real Serviço ficar nesta cidade o sobredito.

O jovem militar, perdoado das “travessuras domésticas” e cumprindo serviço militar no Maranhão, conseguiu que o governador substituísse o tenente Carlos Antonio, já designado para missão em seu favor.

Encontra-se Paula Ribeiro, agora em 1800, fazendo sua primeira viagem ao sertão dos Pastos Bons, em substituição ao alferes Raimundo José Vieira, comandando o referido Destacamento. Lá permaneceu por dois anos, quando, cumprindo ordens, retornou a São Luís. (APEM. Objetos Diversos: 1798-1800 Códice 20, Doc. 441).

Sempre em ações militares e quase sempre em missões contra os nativos, Paula Ribeiro foi enviado a Viana, na baixada ocidental da Capitania do Maranhão em 1810, para conter e, se possível, apaziguar os índios timbira e gamela que ameaçavam os colonos naquela localidade. As ordens ditadas pelo governador D. José Thomas de Menezes expressavam a “gravidade” da situação:

Finalmente se formará o ataque, e serão seguidos os inimigos até as maiores alturas, sem que se perdoem as vidas que o Direito das gentes permite se tirem no calor da guerra, e só dispensando-as quando eles entregarem, ou depondo as suas armas derem algum sinal de amizade, sem, contudo isentá-los de serem remetidos presos a esta capital, principalmente alguns de seus companheiros que consta daquelas vizinhanças. (APEM. Objetos Diversos: 1809-1811, Códice 02, Doc.111:52)

Paula Ribeiro comandou uma tropa de quarenta e cinco militares, muitos paisanos e milicianos armados, e levou um vasto material bélico para enfrentar as duas nações nativas acima mencionadas que com frequência vinham hostilizando a população urbana da Vila de Viana. A tropa comandada por Paula Ribeiro “apaziguou” a convivência entre colonizadores e os índios.

Promovido a tenente do Regimento de Linha, Paula Ribeiro foi em 1812 servir em Aldeias Altas* nomeado que foi para ser comandante naquele Destacamento. Após baixar algumas normas e não serem cumpridas, entrou em atrito com o Juiz Ordinário daquela jurisdição. Entendia Paula Ribeiro que o Juiz não cumpria suas funções específicas além de se intrometer no serviço inerente ao Chefe do Destacamento. Tal divergência entre os dois mais importantes representantes da Coroa mereceu por parte do governador Paulo José da Silva Gama admoestação, conforme Ofício (APEM. Objetos Diversos: 1811-1814 Códice 03, Doc. 215).

Assaz tenho conhecido pelas suas próprias cartas e das do Juiz ordinário desse Julgado, a rivalidade entre Vossas Mercês ambos; e o quanto por ela estão sofrendo esses tristes povos, agitados por Vossas Mercês, para continuarem em opostos partidos; quando o era de sua rigorosa obrigação promover o sossego público, serenando as antigas desordens. Portanto: assim como admoesto nesta data aquele juiz para entrar no cumprimento dos seus deveres, recomendo a Vossa Mercê outro tanto para que não me obrigue a providenciar sobre sua conduta.

Mesmo repreendido pelo governador, Paula Ribeiro, pelos relevantes serviços já prestados à Coroa, parece ter merecido o perdão velado do governador Gama, pois a próxima missão reservada ao tenente constituir-se-ia na mais importante de tantas que desempenhou nos sertões do Maranhão: estabelecer a fronteira entre as províncias do Maranhão e Goiás.

A Carta Régia de 12 de maio de 1798 exigia a exploração do rio Tocantins e de quantos se encontrassem na região sul da Capitania do Maranhão que pudessem facilitar a navegação com as Capitanias do Pará e de Goiás (AHU ACL CU009, Cx. 98, Doc. 7943). O sul da Capitania era um mundo desconhecido das autoridades representantes da Coroa portuguesa.

A colonização de pecuaristas que se estabeleceram ao sul da Capitania do Maranhão fez “Capital do país” a vila de Pastos Bons. Partiram dali muitas “Bandeiras” com o propósito de novas “descobertas”. Foi Elias Ferreira de Barros quem “descobriu” o rio Tocantins pelo lado maranhense. Ao estabelecer uma nova fazenda de gado vacum às margens do rio Manoel Alves Grande, passado algum tempo, foi surpreendido com a presença

* Atual cidade de Caxias-MA.

de um índio que se dizia fugitivo de uma embarcação, que trafegava por um grande rio, que ficava a um dia e meio de viagem. Seguindo as instruções do gentio, teria Elias Ferreira chegado ao rio Tocantins (BERFORD, 1810:17).

Estabelecida a fazenda e algum tempo depois o povoado de São Pedro de Alcântara*, sem receber nenhuma ajuda do Governo da Capitania do Maranhão, o regatão Francisco José Pinto de Magalhães e Antonio Moreira da Silva, preador de índios, anexaram o povoado do lado maranhense do rio Tocantins ao território da Capitania de Goiás. Estava criado o litígio entre as Capitanias do Maranhão e de Goiás.

O governador do Maranhão José Paulo da Silva Gama havia escolhido para tão importante missão Vicente Jorge Dias Cabral, “bacharel em filosofia e formado em leis” que no governo de D. Diogo de Souza havia viajado pelo interior da capitania, especialmente na região do litígio. Dias Cabral fez parte de um grupo de *brasileiros* que estudaram na Universidade de Coimbra, provavelmente na década de 1780. Formado em Direito e Filosofia, seus conhecimentos em História Natural, Química e Física o levaram a ser responsável pelo Horto Botânico de São Luís. Desejoso que era de servir ao Monarca, escreveu:

[...] sempre ansioso de empregar-me no serviço de Sua Majestade segui a Carreira das Letras indo estudar em Coimbra, e ali me apliquei a Filosofia fazendo formatura nesta ciência como tão bem no Direito Civil, querendo facilitar o emprego, pelo meio das Ciências Naturais. (AHU, Cx. 128, doc. nº 9574).

Dias Cabral palmilhou os sertões do Maranhão, procurando os três reinos da natureza, encontrou salitre, quina, ferro, cobre e árvores, usadas na tinturaria. Cabral adoeceu às vésperas da viagem demarcatória. Em Aviso ao Ministério do Império, disse o governador Paulo Gama:

Vi-me, portanto quase repentinamente obrigado a nomear para esta comissão ao capitão do Regimento de Linha Francisco de Paula Ribeiro por haver estado também no Real Serviço por vários anos naquele contorno. (GAMA, APEM Avisos do Ministério do Império. Secretária do Governo; 1812-1819, Códice, Doc. 4: 52v).

Como foi dito antes, o acaso colocava Paula Ribeiro novamente às ordens do Real Serviço. O Ofício que o nomeava também dava instruções:

A sua comissão, portanto é marchar com a maior brevidade possível até a raia limítrofe desta capitania com a de Goiás nas extremas de Pastos Bons cabeceiras do Tocantins; lugar por Vossa mercê já conhecido. Ali se deve encontrar com o sargento-mor José Antonio Ramos e o capitão Francisco Pinto de Magalhães, vindo autorizados pelo excelentíssimo governador e capitão-general daquela capitania para com Vossa Mercê (que vai autorizado por mim para o mesmo) observarem e designarem a raia divisória e terminal das duas capitanias. (APEM Objetos Diversos; 1814-1816, Códice 05, Doc. 755).

* Hoje a cidade de Carolina-MA.

Paula Ribeira iniciava então sua mais importante missão em terras do Maranhão e especialmente nos sertões que conhecia tão bem, pois, como foi dito, já havia servido por dois anos como chefe do Destacamento de Pastos Bons e logo depois em Caxias das Aldeias Altas, onde iniciavam os sertões do Maranhão conhecidos naquela época.

Paula Ribeiro, agora, investido da condição de explorador, recebeu ordens de passar todas as informações ao Estado. Roteiros de viagens, diários, mapas vão aos poucos retirando a geografia do imaginário, ela agora é substituída por uma geografia do real. As observações sobre as capacidades do solo, a formação de herbários, a auto-suficiência do *país*, as especulações, a curiosidade vão dando lugar ao saber. “O explorador viaja em cumprimento de uma missão organizada que conta com o financiamento de um príncipe, com objetivos precisos” (BOURGUET, 1997: 212).

Pode-se afirmar que os quatro opúsculos¹ deixados em forma de *roteiro de viagem, mapa e memória*, obras da lavra de Paula Ribeiro, foram e continuam fontes de pesquisas para todos que queiram estudar e compreender a geografia física e humana, a história, a antropologia, e a sociologia do centro sul maranhense.

A obra ora analisada, *Roteiro da Viagem que fez o Capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão e de Goiás, no ano de 1815, em serviço de S.M. Fidelíssima*, foi dividida pelo autor em três partes. A primeira em forma de *Itinerário* com uma profunda preocupação de nominar o percurso desde a Capital da Província até São Pedro de Alcântara, ponto “inicial” da missão que deu origem à obra que se comenta.

Na “prestação de contas”, Paula Ribeiro descreve minuciosamente o périplo da viagem ora em canoas empurradas por índios a varas e a remos, ora em montarias compradas ou emprestadas pelos moradores das fazendas, das vilas e povoados por onde passava a comitiva rumo à demarcação da fronteira. A navegação pelo rio Itapecuru até Aldeias Altas, que era a parte mais conhecida da Capitania e até onde chegou mais “facilmente” o braço do

¹ Roteiro da Viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goiás no ano de 1815. Descrição do território de Pastos Bons, nos sertões do Maranhão, propriedade de seus terrenos, suas produções, caráter de seus habitantes colonos e estado atual dos seus estabelecimentos. Memória sobre as nações gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão: análise de algumas tribos mais conhecidas: processo de suas hostilidades sobre os habitantes: causas que lhes têm dificultado a redução e único método que seriamente poderá reduzi-las. Mapa Geográfico da Capitania do Maranhão que pode servir de memória sobre a população, cultura e coisas mais notáveis da mesma capitania.

Estado, não desperta tanta curiosidade, talvez por ter sido mencionada antes por outros viajantes² e ser bastante conhecida.

A segunda parte da obra é composta de impressões obtidas ao longo de quase vinte anos de viagens pelos sertões dos Pastos Bons. Paula Ribeiro traz a lume um Maranhão desconhecido em seus aspectos geográficos, históricos e antropológicos. Mas não só isso, nomina os rios, serras, vales, planícies, chapadas, fala de um clima ameno, que faz frio nas noites de julho, descreve a flora, a fauna, distinguiu as várias etnias indígenas da região. Quase tudo foi descrito por Paula Ribeiro, era novo para as autoridades da Capital da Província.

Ao tratar das bacias hidrográficas e da importância dos rios que nascem nas serras dos sertões dos Pastos Bons, Ribeiro não tinha àquela época como saber que um enorme aquífero, o Urucuiá³, que se distribui entres os Estados da Bahia, Minas Gerais, Tocantins, Piauí e Maranhão tem uma boa parcela de responsabilidade sobre os mesmos.

Paula Ribeiro, não só descreveu os rios com seus respectivos nomes, mas trouxe seus principais afluentes no verão e alguns córregos que só existem na estação das chuvas. Mostrou as Ribeiras do Itapecuru, da Lapa, do Mearim, do Grajaú, do Balsas, das Neves, do Farinha... todos rios em sua maioria desconhecidos até então. As serras da Cinta, Negra, das Mangabeiras. As cachoeiras.

Ao se referir sobre as terras do sertão dos Pastos Bons, diz (RIBEIRO 2007:79): “a porção de terras mais importante (...) ser de mais vantajosa cultura; e seriam incalculáveis os interesses resultados se todas se aproveitassem, porque a Capitania do Maranhão não tem outra mais própria para a agricultura”.

Comentando sobre a pecuária, base econômica do sertão, disse (RIBEIRO, 2007: 72)

[...] os gados que apesar de nascerem e de se criarem nos capins chamados agrestes, únicos pastos gerais de que são próprios estes sertões do sul da Capitania do Maranhão têm contudo pela grandeza de seu corpo, gordura e aptidão para grandes marchas, muito mais valor nas feiras do Itapecuru do que todos os outros gados da Capitania do Piauí, menos vistosos, sem diferença do que os de Balsas e Pastos Bons”.

² Cf. BERFORD, Sebastião Gomes da Silva. Roteiro e Mappa da Viagem da Cidade de S. Luiz do Maranhão até a Corte do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1810. Anônimo. Roteiro do Maranhão a Goiás pela Capitania do Piauí. Rio de Janeiro, Revista do IHGB, tomo 62, Parte I, 1900.

³ Cf. BOMFIM, Luiz Fernando Costa; GOMES, Raimundo A. Dias. Aquífero Urucuiá - Geometria e Espessura: Idéias Para Discussão. Disponível em: http://www.cprm.gov.br/publique/media/aquifero_urucuiá.pdf acessado em 27/04/2009.

Paula Ribeiro registrava a imensidão dos pastos sempre verdes, irrigados permanentemente pela quantidade de rios, riachos, lagoas que encantaram e ajudou a fixar os primeiros colonizadores vindos dos sertões da Bahia e de Pernambuco.

Paula Ribeiro reservou a terceira parte da obra para falar das negociações com os emissários do governo goiano sobre o litígio de fronteira entre as duas Capitanias.

O litígio que fez o jurista e político maranhense Cândido Mendes de Almeida publicar, em 1852, *A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as Províncias do Maranhão e de Goiás*. Nasceu quando Francisco Pinto de Magalhães, provavelmente por volta de 1810, estabeleceu-se nas terras ocupadas por Elias Ferreira Barros, dizendo-lhe que jamais poderia ali fixar fazendas de gado *vacum* ou residência por serem aquelas terras pertencentes à Coroa e que tal ocupação só seria possível mediante autorização Real.

Como o fazendeiro Elias Barros acreditou, Magalhães, então, construiu um barracão e lá se estabeleceu praticando a venda de sal, fumo e cachaça. Há muito viajava pelo rio Tocantins comercializando e preando índios entre Porto Real do Pontal* e Belém do Pará onde os gentios eram vendidos como escravos. Arguto que era, escreveu Magalhães ao governador de Goiás Fernando Delgado Freire de Castilho, comunicando que havia fundado um arraial e solicitando patente militar para si e para seus subalternos. Sem nada mandar averiguar, o governador de Goiás concedeu-lhe o que pedia (FRANKLIN, 2007: VII).

Desde que chegou a São Pedro de Alcântara com a finalidade de cumprir a missão demarcatória como representante e Comissário do governo da Capitania do Maranhão, Paula Ribeiro ouviu os moradores mais antigos do Distrito, colheu suas impressões sobre o povoamento do mesmo e indagou sobre acerca de rios na região. Todas as informações colhidas eram devidamente anotadas e enviadas com suas impressões e dos habitantes ao governador da Província.

Ao cabo de três meses, ouviu, anotou, fez diligências, estabeleceu contatos com algumas etnias indígenas sobre as quais se equivocou, conforme afirma Kurt Nijumuendajú em sua obra *Os Timbira Orientais*.

Sua perspicácia, paciência e seu poder de persuadir e de aglutinar foram de muito proveito para os interesses da Capitania do Maranhão. Após meses de conversações, conseguiu o voto de um dos representantes do Governo de Goiás o do Sargento-Mor José Antonio Ramos Jubé. Como não se chegava à unanimidade, pois havia o voto contrário exatamente de Francisco Pinto de Magalhães, o “fundador” do arraial, pertencente à Capitania

* Hoje a cidade de Porto Nacional, Tocantins.

de Goiás em terras do Maranhão, Paula Ribeiro retirou-se para o Distrito de Pastos Bons, onde ficou aguardando ordens superiores.

As confabulações entre os Governos de Maranhão, Goiás e a Corte no Rio de Janeiro levaram um ano, afinal era uma longa viagem em 1815. A Corte concluiu pela demarcação dos limites entre as duas Capitanias como havia sido esboçada por Paula Ribeiro na mesa de negociação. A margem direita do rio Tocantins, desde a desembocadura do rio Manoel Alves Grande, pertencia ao Maranhão, culminando com o Decreto nº 773, de 23 de agosto de 1854. As fronteiras entre Maranhão e Goiás (hoje Tocantins) ainda hoje são as mesmas fixadas por Francisco de Paula Ribeiro em 1816.

REFERÊNCIAS

Arquivos

Arquivo Público do Estado do Maranhão.

Arquivo Publico do Estado do Pará.

Bibliografia

BERFORD, Sebastião Gomes da Silva. **Roteiro e Mappa da Viagem da Cidade de S. Luiz do Maranhão até a Corte do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1810.

BOMFIM, Luiz Fernando Costa. & GOMES, Raimundo A. Dias. **Aquífero Urucuaia, Geometria e Espessura: Idéias Para Discussão**. http://www.cprm.gov.br/publique/media/aquifero_urucuaia.pdf acessado dia 27/04/2009.

BOSCHI, Caio C. **Catálogo os manuscritos avulsos relativos ao Maranhão existentes no Arquivo Histórico Ultramarino** (Lisboa)/ Coordenação de Caio C. Boschi; editoração ee revisão final de Jomar Moraes. – São Luís: Funcma/AML, 2002.

BOURGUET, Marie-Noëlle. O Explorador. In: **O Homem do Iluminismo**. (org). Vovelle, Michel. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa, Editorial Presença, 1997.

CARVALHO, Carlota. **O sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil**. Imperatriz: Ética, 2000.

FRANKLIN, Adalberto; CARVALHO, João Renôr F. de. **Francisco de Paula Ribeiro, desbravador dos sertões de Pastos Bons: A base geográfica e humana do sul do Maranhão**. Imperatriz-Ma: Ética Editorial, 2007.

NIJUMUENDAJÚ, Kurt. **The Eastern Timbira**. University of Califórnia Press. Berkeley end Los Angels, 1941.

RIBEIRO, Francisco de Paula. **Descrição do Território dos Pastos Bons; Propriedades dos seus terrenos, suas produções, caráter dos seus habitantes colonos, e estado atual dos seus estabelecimentos**. Rio de Janeiro, Revista do IHGB, nº 12, 1849.

_____. **Roteiro da viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da Capitania do Maranhão e da de Goiás no ano de 1815**. Rio de Janeiro, Revista do IHGB, 1870.

_____. **Memória sobre as Nações Gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão**. Rio de Janeiro, Revista do IHGB, 1841.

RODRIGUES, José Honório. **História e Historiografia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.